1.º Anno
N.º 10

Revista quinzenal illustrada
Litteratura e critica

ALA-MODERNA

Redacção, administração e typographia
R. de Payo Galvão—Typ. Minerva Vimaranense

Editor responsavel
Antonio de Castro Martins

Guimarães, 10 de Dezembro de 1903

Proprietario e administrador
Antonio Dantas

Alfredo Guimarães

ARNALDO PEREIRA

Alfredo Guimarães

Na sua ultima feição moral, Guerra Junqueiro, levado a um periodo de philosophia mystica por uma tendencia natural do seu espirito, creou entre nós um genero de poesia, que póde vir a ser tão nociva á geração, como o foi o *Só* de Antonio Nobre.

Cantar a Natureza, mas cantal'a como deve ser, isto é, analysando-a pelo seu lado creador, é decerto uma bella orientação, numa epocha em que a Sciencia, despindo-a do seu caracter primitivo, nol'a mostra como ella é—força de tudo, mãe de tudo, Deus de tudo.

Que bella obra o poema da Natureza, quando as arvores, as plantas, o trigo, toda essa immensa tribu de corpos apparecem aos nossos olhos como outras tantas almas animadas de vida, almas que choram e que riem, que soluçam e que rezam, que têm orações e que têm gritos, nascendo na amplidão calma da terra, não por uma lei divina e poetica, que reside no céo, mas sob o impulso d'uma força que está na Natureza, força universal e sagrada que rege ao mesmo tempo os homens e as pedras, as flores e as montanhas, as plantas e as raizes!

A epocha é toda de observação, toda de analyse. Sabe-se que uma planta que nasce é uma vida que se revela. Tantas as vidas, tantas as almas. Uma arvore ou um homem, um ninho ou uma flôr, tudo tem na Natureza a mesma origem sagrada, com os mesmos dramas do nascimento e da morte, da alegria e da dôr. A Natureza é tudo, e o seu ventre tem as mesmas contrações ao gerar d'um craneo e ao conceber d'uma raiz.

O que é a Natureza? Deus. Onde está, pois, Deus? Na Natureza, espalhado em particulas por todas as suas creações, vivendo na paz esplendorosa das folhas, rugindo na profundidade herculea dos mares, amando na serenidade santissima das flôres. E' preciso, pois, glorificar a Natureza. O mundo consagrou um Deus falso, que vivia no céo, ergueu-lhe templos admiraveis, dedicou-lhe altares. Ora, sabendo-se hoje que o Deus verdadeiro, o unico Deus é a Natureza, porque não santifical'a, levantando-lhe os mesmos templos, com a mesma veneração e a mesma fé?

O poema será bello, porque será grande. Mas pode a geração escolher a Natureza como assumpto da sua arte, no seu periodo de iniciação? Não. E porque? Porque essa obra só será racional quando nascer da evolução d'um espirito.

A obra de Junqueiro, para mim o maior homem, o maior poeta, o maior artista, é uma obra toda philosophica, philosophia da vida aprendida na vida, e marca o renascimento psycologico do homem que chegou ao seu periodo evangelisador, que é, no fundo, o complemento de toda a obra do artista, por uma tendencia prevista e natural. É, pois, uma obra originada pela evolução d'um homem, obra de verdade aprendida em annos. Não basta ser uma boa cabeça para ser um bom philosopho. Na philosophia, a experiencia é alguma cousa.

Ora, se a obra de Junqueiro é, debaixo do ponto de vista philosophico, uma producção de estudo, estudo de annos, não de dias, como pode a geração escolher para campo da sua arte a Natureza, isto é, a Vida?

A poesia é uma producção d'amor, toda feita de coração e de enthusiasmo. E' amando que o poeta se manifesta. Ao periodo philosophico só chegará mais tarde, pela evolução e pelo estudo. E essa evolução custa annos, não se opera numa hora.

Camões foi um lyrico, antes de ser um epico. Ora, o tempo muda tudo, transforma tudo. O que não muda é o caracter, a feição intima da poesia.

Ponhamos as cousas no seu ponto. Eu não quero ver uma geração de piegas, de olhos em branco e de flôr ao peito, tecendo madrigaes á lua, ou passando a vida a cantar a sua amada. O que eu quero é que o poeta, cheio de sinceridade e de verdade, conservando sempre a sua autonomia litteraria, deixe ao coração, que é pelo coração que elle pensa, a escolha do assumpto para os seus poemas. E se o poeta é bem formado, boa organisação e bons nervos, boa cabeça e boa alma, essa escolha recahirá, sem duvida, sobre o amor. O proprio Junqueiro não foi um amoroso antes de ser um philosopho?

O primeiro periodo do poeta é o amor, o segundo a revolução. Primeiro cantará os seus sonhos, depois cantará o infinito. Ninguem ama a humanidade sem primeiro amar o seu irmão. O amor do semelhante não é mais que a evolução do amor da familia, o nosso primeiro amor.

Todo o homem tem o seu periodo amoroso; porque o não terá o poeta, elle, que é o maior homem? Como é que um coração se faz grande? Educando-se no amor. Primeiro o amor subjectivo, o amor da nossa irmã, o amor da nossa noiva, o amor dos sacrificios e das luctas; o amor da humanidade virá depois.

Mas a geração não comprehende isto, e a obra de Junqueiro vae avassallando os espiritos. Nós somos uma geração de desvairados. A' parte meia duzia de rapazes, todos andam ás cegas, sem orientação definida e sem plano, cultivando uma arte incolôr, alguns por inepcia, muitos por indolencia no estudo. D'esta fórma, agarram-se ás abas da casaca do primeiro que passa, e é d'ali todos para a gloria ou para... o diabo...

E porque? Porque o coração, que era antigamente o rotineiro do poeta, passou a ser simplesmente um vaso sanguineo, centro da vitalidade organica, que é a unica definição que lhe concede a anatomia.

Ainda bem para o coração que a anatomia é um facto...

*

Alfredo Guimarães, com o seu processo d'arte rigoroso e polido, é dos poucos que possuem uma orientação segura, e conseguiu naturalmente e sem esforço, o que muitos procuram em vão, numa ancia doida de publicidade: subiu na litteratura, tornou-se conhecido, impôz á geração o seu nome.

E todavia, elle começou hontem a escrever, primeiro uns devaneios doces, d'uma quasi infantilidade de escola, depois umas chronicas leves, cousas pequeninas, sem a profundidade de cerebração que constitue hoje todo o valor d'um escripto, mas já com um bello sabor artistico invejavel, que lembrava vagamente uma boa peça de esculptura antiga, e, por ultimo, uma mão cheia de versos magnificos, que, sendo não absolutamente uma boa obra, são, comtudo, a affirmação segura d'um grande talento.

Na prosa, como no verso, Alfredo Guimarães revela-se bem um cinzelador; detesta as grandes contrações do periodo, as curvas desvairadas da exposição, e as suas paginas bem brunidas, sem-

pre leves como um crystal e macias como um estofo, caem d'alto a baixo serenamente, como uma boa musica de violino. E' a prosa d'um namorado sem pieguices, producção de musico e de rapaz, que, detestando as curvaturas longas do pensamento, vae cantando as suas impressões naturalmente, empregando nisso não só a sua alma mas tambem o seu ouvido, ancioso de tons.

Sente-se por vezes, aqui e ali, nas suas producções, um pedaço de vasio, um vacuo de cerebração, lamentavel; mas elle veste tão bem as suas imagens, dá tal vida ás suas expressões, ageita de tal fórma o periodo, que esse defeito desapparece immediatamente, e a sua prosa linda e doce como que sobe do papel, soando como uma cousa qualquer que andasse no ar, cantando e voando, azas de seda, garganta de violino...

E' uma prosa de papeis de côr.

Nos seus versos, a côr é tudo: anda na fórma, anda na imagem, anda no fundo—um fundo leve, todo azul e branco, cousa do sonho — um ensaio de artista.

Quem abre o seu livro, o *Sol*, e lê os quatro versos que tomam a primeira pagina, sente bem a impressão de quem chega de repente a um pateo luxuoso, onde ha perfumes exquisitos, paredes sumptuosas, marmores bem talhados. Aquella quadra, solta, rica, perfeita, onde os versos têm a sonoridade limpida d'um metal espelhante, dá-nos bem a illusão d'um lindo damasco velando a porta d'uma sala, atirado d'alto a baixo sem uma prega, e predispõe bem o leitor, convidando-o a voltar a pagina, isto é, a levantar o reposteiro e entrar na sala...

Todo o livro condiz com a quadra: sempre versos bem tecidos, lisos como um papel fino, sonoros como uma garganta fresca, sem contrações, sem curvas, cheios de côr, cheios de tom, cheios de rectas.

Aquelles versos de seda, cariciosos como um arminho ou macios como uma penna, fazem pensar vagamente num bordado exquisito e difficil, uma cousa qualquer feita de pedacinhos de seda de muitas côres, trabalho delicado e vaporoso, combinação riquissima onde a côr é tudo, e que um artista qualquer idealisam num momento de amor e de saudade, de bondade e de tristeza...

Dirão, talvez, que não é esta a fórma d'arte que se impõe hoje. Mas nós temos obrigação de receber bem toda a obra d'um artista, quando nessa obra haja revelações de talento. Se o amor é a tendencia d'um poeta, como ha de elle collaborar na obra da revolução que se vae tecendo em volta? Torcendo a alma até lhe dar a fórma d'um parafuso?

Eu não sei se vingará a theoria da arte utilitaria, imposta como a unica formula de litteratura. A arte, para ser racional e honesta, não precisa d'um motivo que a explique; é uma creação muito grande para que a ponham assim ao serviço de qualquer instituição, nem que essa instituição seja a humanidade.

Por toda a parte se grita, em prosa e em verso: *Eduquemos!* Mas como? Dizendo, uns, que a alegria está no trabalho, que a felicidade vive nos campos, sob a abobada das vinhas. Quem são esses? Geralmente rapazes felizes, ricos, advogados, lindos moços de mão pequenina e dentes solidos. Dizendo, outros, que a humildade é a melhor virtude, e que não ha nada melhor para chegar ao céo... Qual é a sua vida? Opulenta e cheia de gosos, casaco de pelles, boa luva, meza magnifica, galochas, theatro, charutos, o diabo.

Ha alguns convictos, homens simples e honestos, bom coração e boa cabeça. Thomaz da Fonseca, por exemplo, é um puro. Mas são tão poucos, esses, que a sua honestidade quasi desapparece entre a hypocrisia collectiva.

Alfredo Guimarães está no seu periodo amoroso, isto é, no seu periodo de iniciação. As *Biblias*, que publicará breve, são um grande passo na sua arte, e dizem bem da orientação do seu auctor.

ANTONIO CARVALHAL

A NOITE

Tu és, ó Noite, o symbolo da Morte
Para quem te souber comprehender...
Em ti acaba todo o vão soffrer,
Toda a lucta phantastica da Sorte...

E ha inda quem te odeie e não supporte
O bem universal do teu poder!
Cegos são d'Alma, que não podem ver
Quanto ha de bello em ti, de grande e forte.

No teu seio, piedosa e doce amiga,
Tudo adormece cheio de fadiga,
Desde o homem ao pó, da rocha á flor...

Assim na terra o teu amor espalhas.
E quando gritas, choras, ou gargalhas,
Sei mais do que ninguem a tua dôr!

(Inédito).

ARNALDO PEREIRA

NÓS

Eis que appareces, fulva e luminosa,
Sôb o vestido aéreo e tilintante,
Como uma rica tela espaventosa,
Chegada ha pouco d'um museu distante.

Com pequeninos passos indiscretos,
Appareces na luz, como os andôres.
Tocam as bandas todas nos coretos,
E embandeiram em arco os cruzadôres!

Entre o vaivém das turbas, dos mesquinhos,
Só a ti vejo, a ti, ó minha amada,
Que surges, linda, ao fundo dos caminhos,
Como um fôgo na volta d'uma estrada.

Vejo-te aqui, do canto onde me fico
A olhar-te toda, d'alto a baixo, agora.
Váes toda em sêdas, como um pálio rico
Levado em pompa pelas ruas fóra.

D'aqui extendo a face, com receio,
Não vá perder-te um gesto, o que era pêna;
Como á noite os *leões*, num circo cheio,
Quando uma artista nova vem á arêna.

Vejo uns homens esguios, turbulentos,
Todos curvados, retorcendo as pelles,
Abrir fileiras como os regimentos,
Quando tu passas pelo meio d'elles.

E imaginando todas essas almas
A estremecer numa ovação divina,
Ergo no ar as mãos e bato palmas,
Como se fôsses uma dançarina!

Um mundo de rubis, e de bordados,
Queima-te os seios — um bazar de prêndas...
Trazes bandeiras, como os couraçados,
Nos hômbros quentes onde tremem rêndas.

Levas ruidos bravos, lisongeiros,
Sôb o vestido em pregas como lanças,
Como os cavallos brancos dos toireiros,
Com guisos loiros a cantar nas tranças!

Passas serêna e triumphal, na rua,
Como na esteira d'uma rica sala.
E's a Vaidade tilintante e núa,
Illuminada a fogos de Bengala.

E eu que sou um artista insatisfeito,
Olho-te em cheio e vejo, palpitante,
Um não sei quê de grande e de perfeito
Nas curvas lassas do teu corpo ondeante.

O ondear d'um corpo aonde a vida pousa,
E' um facto natural, que todos têm.
Mas isso em ti é mais alguma cousa,
Que eu não comprehendo, mas distingo bem.

Ha nessas curvas longas, inflammaveis,
Alguma cousa, não sei quê, de bello,
Que me suggere idêas formidaveis,
Cheias de fogo, como o teu cabello!

Quebrar uns nervos, uma carne linda
Numa postura assim, radiosa e fátua,
E' tão difficil, ou é mais, ainda,
Do que moldar as linhas d'uma estátua.

Quando tu passas atravéz das turbas,
Cheia de gestos, num constante abalo,
Vejo muito mais arte nessas curvas
Que nos desenhos todos do Bordallo...

E eu que buscava, artista intelligente,
Uma maneira nova de escrevêr,
Vejo nas linhas do teu corpo quente
Os moldes novos que tentei fazêr.

A arte d'hoje que virá, óvante,
Deve ser cheia d'uma seiva louca,
Que a phase é d'oiro e a geração, triumphante,
Feita de nervos, como a tua bôcca!

Deve ser grande, explêndida, florida,
Cantar a vida, a seiva, a terra bôa.
E ha lá algum verso que defina a vida
Como os teus braços quentes, de leôa?

Eu quero a arte retumbante, assim,
Como o teu corpo m'a suggere em roda.
Dizem que a arte deve ter um fim;
Pois seja elle descrever-te toda!

Chama-me ainda muito embora louco;
Eu que adoro essas curvas, e as sonhei,
Hei-de aprender com ellas, pouco e pouco,
Essa arte que tens, e que eu terei.

Artista novo detestando normas,
Tendo encontrado os moldes mais diversos,
E' no teu corpo, vendo as tuas formas,
Que hei-de aprender, cantando, a fazer versos.

Seja o teu corpo lindo o meu compendio,
Que tu folheies, sempre unida a mim;
Tu que és bonita como um grande incendio!
Tu que és nervosa como um clarim!

E emquanto os corpos, pelo céo voando,
Encherão d'alva a vastidão marmórea,
Os nossos nomes passarão cantando,
Com dois soes, em monogramma á historia...

CONDE DE ARNOSO

A guitarra do Braz

(Continuado do numero anterior)

A Ignez falara verdade; a Gertrudes havia muito que não podia aturar o Braz. A sua natureza viva e esperta não comprehendia os longos silencios apaixonados do namorado. Enganava-o e agora... tinha desapparecido. Elle andava perdido, como doido. Ao principio continuou a ir á fabrica, mas já não era o mesmo operario amigo de trabalhar. Tudo lhe repugnava, até mesmo a companhia da avó. Cahira numa tristeza sombria, carrancuda e desesperante, que o levava a evitar tudo o que antes lhe era prazer e alegria. Fugia de casa para andar como um vadio encostado pelas esquinas. A avó sentia despedaçar-se-lhe o coração ao ver o seu neto tão differente do que era! Mas, como lhe queria muito, nem sequer se atrevia a fazer-lhe uma pergunta com medo de o exasperar.

— Se eu fosse cega, diria que m'o tinham trocado! — pensava a infeliz á noite, deitada na cama, de ouvido á escuta, sem se mecher, a fingir que dormia, á espera do seu Braz! Elle recolhia tarde, e as mais das vezes, já nem ia á fabrica. A figura de Gertrudes, fina, esbelta e graciosa perseguia-o, apparecia-lhe constantemente desenhada na sua phantasia, boa e simples, idealisada pela paixão! Tinha allucinações. Como se a tivesse deante de si, estendia os braços para a matar apertando-a contra o peito; mas ella fugia-lhe, e via-a então sumir-se lá ao longe, rindo ás gargalhadas, como no dia em que se despedira das companheiras!

Começou a beber e no vinho afogava a sua dôr. Com um grão na aza era uma risota, a alegria das tavernas. Ligou-se com um *faia*, e numa noite em que o Cartaxo lhe cahiu na tristeza, contou-lhe a triste historia dos seus amores.

— Hom'essa! Queres a rapariga? Anda comigo. Manda ao diabo a fabrica, apanha o bago que houver lá por casa, que eu por esta... — e fez uma

cruz com os dedos que chegou á bocca, desviando para o lado, num movimento rapido de lingua, a ponta do cigarro—te juro que em tres dias que a havemos de encontrar.

O Braz deu um pulo de contente, pediu mais vinho e beberricando combinaram que naquella mesma madrugada principiariam a bater Lisboa. Como a taverna fechou ás onze horas da noite, passaram para o café ao lado. O *faia* excitava-o com as historias do Bairro Alto, Arco do Bandeira e do Marquez de Alegrete. Aquillo alli, em Alcantara, era nada, comparado com tudo isso que elle conhecia a palmos. O dono do café viu-se parvo para pôr fóra os seus tardios freguezes. A's duas da noite lá sairam depois de muito empurrados. O Braz levou o amigo até á ponte. Sentaram-se na soleira das grades da estatua de S. João.

—Era d'ali—e apontava para o lado—que eu esperava todas as noites a Gertrudes!

E como se deixasse enternecer, o outro enfurecido gritou-lhe:

—Olé! Lá maricas é que me não serves. Se és um homem bem vae a cantiga. Anda, despacha-te. E' ir buscar o bago, que eu aqui te espero. Se não voltas, ámanhã te ensinarei.

E de pé, deante d'elle, dando um piparote no chapeu, fazendo uma escovinha, fez com a mão direita o gesto conveniente de quem espeta uma navalha.

—Está dito; se me demorar é que a avó está acordada.

—Não tem duvida; d'aqui não arredo sem ti.

A' medida que o Braz se ia approximando de casa, dissipavam-se-lhe os vapores da excitação alcoolica; cahia em si.

Quando chegou á porta, abriu-a mansamente. Ao cerral-a, pareceu-lhe que a avó se mexera na cama, voltou-se, e immovel, suspendendo a respiração, certificou-se que se enganara. Havia em volta de si um silencio completo. Quiz caminhar direito á gaveta da banca, onde sabia que estavam guardadas as economias de quinze annos de trabalho; mas machinalmente, entrou na sua alcôva, que um simples tabique separava da da avó. Vestido como estava estendeu-se sobre a cama. Tinha mêdo. Mêdo do respirar sereno e socegado d'aquella pobre velha que tanto o estremecia! Não, decididamente não faria o que tinha promettido. Iria acordar a madrinha; desabafaria com ella; voltaria á fabrica. Que importava a Gertrudes? Mas, a este nome, acudiu-lhe a promessa que o outro lhe fizera de a tornar a vêr. Levantou-se, e cautelosamente, foi direito á banca. Com um puxão secco arrombou a gavêta, e do pé de meia, dissimulado a um canto, tirou uma mãocheia de libras. De vagar, como tinha entrado, saiu de casa. Todavia os passos do neto acordaram a avó, que d'um pulo saltou abaixo da cama, cobrindo-se apressadamente com a saia, que servia de cobertor, e da porta que o Braz deixara aberta, reconheceu-o á claridade indecisa da manhã, que vinha rompendo, ainda a correr, olhando para traz como um ladrão!

Anciada, tentou chamal-o. Não pôde. As pernas fraquejaram-lhe, soltou um gemido e caiu redonda no chão, para traz, estatelada como morta. Quando voltou a si chorava amargamente e na gaiola de arame, suspensa da verga da janella, o canario repenicava a sua cantiga favorita, saudando alegremente a madrugada!

Decorreram tres annos. Durante esse tempo não houve miseria que a avó do Braz não soffresse. No meio de todas as suas desgraças só uma esperança a emparava. Era que elle, mais dia, menos dia, havia de voltar. Rogava a Deus que lhe desse forças para viver até então. Perdoar-lhe-ia e morreria contente, tendo-o ao seu lado para lhe fechar os olhos! E nesta esperança, que uma fé profunda alimentava, aturava todos os trabalhos calando os soffrimentos da sua penosa existencia. Como o Braz não tinha levado todo o dinheiro, os primeiros mezes de abandono passaram sem maiores privações. No dia porém em que ella teve de trocar a ultima moeda de prata, pareceu-lhe que o balcão da tenda, sobre o qual o caixeiro experimentou o toque dos cinco tostões, era o unico obstaculo que a impedia de cahir num buraco muito fundo, que se abria deante dos seus olhos! Velha como estava difficil lhe foi encontrar trabalho. Ao cabo de muito tempo, depois de muito procurar, de ter empenhado um a um os tarecos da casa, conservando apenas, de tudo quanto antes possuia, a cama do seu Braz e a enxerga em que ella agora dormia sobre o chão; depois de ter passado fome, uma caridosa familia, mais por dó, ajustou-a aos dias. Como lhe davam de comer, o pouco dinheiro que ganhava chegava-lhe á justa para pagar a renda da casa. Ella bem sabia que lhe não seria difficil encontrar uma outra mais pequena, mais barata e até mais perto das senhoras que servia; mas era tal o apêgo que tinha á casa onde sempre vivera com o seu neto, que mesmo agora, núa como estava, despida de todos os trastes, que eram outras tantas recordações de dias bem mais felizes, lhe era uma consolação viver entre aquellas paredes, testemunhas consoladoras d'esse tempo, que um presentimento muito intimo lhe segredava se havia de repetir ainda! E com os raros cabellos já de todo brancos, cansada de trabalhos com que mal podia, magra, tão magra que a pelle encarquilhada mais parecia encobrir um esqueleto que vestir um corpo vivo, se não se deixava morrer socegadamente assim como quem adormece ao cabo d'um dia de longa fadiga, era que essa esperança nem sequer um instante a abandonava!

(Conclue no proximo numero).

ALFREDO PIMENTA

Critica

(1) **Aguilhadas**, por PAULO OSORIO. Porto, M.CM.III.

Tenho, aqui, sobre esta meza de pinho branco, á mistura com cigarros, candieiro, relogio e livros, os trez numeros das *Aguilhadas* do snr. Paulo Osorio, estudante da Escola Medica do Porto.

Outro qualquer chamar-lhe-hia moço escriptor ou novel litterato. Eu não o faço, porém. Tenho, p'ra isso, a meu vêr, rasoens de sobra.

Li-os com attenção, com muita attenção mesmo, e, da leitura, ficou-me uma penosa, uma desagradabilissima impressão q. o meo mao-humor d'hoje se encarrega de tornar mais saliente.

O snr. Paulo Osorio, sentindo-se bêsta e jul-

(1) Pela absoluta falta de espaço só hoje nos foi possivel publicar este original.

gando que ellas são poucas neste mundo, pede áquelles q. o não são, q., de tal sorte, se considerem. Pedio e elles — os q. o não eram — attenderam o pedido, áparte, talvez, meia duzia, no numero dos quaes entram o João de Meira que m'o declarou á porta do Cunha, e a minha pessoa.

As *Aguilhadas* são os *Gatos*, com a simples, e talvez p'r'o snr. Paulo Osorio pequena, differença de q. não encerram o espirito perspicaz d'estes, e não magoam, como estes, bêstas e não-bêstas.

No pamphleto do snr. Paulo Osorio não ha o *sensus* critico, a maneira real, a intuição sensata q. se requer em obras d'este genero. Não q. eu queira subordinar uma obra — seja ella qual fôr — a leys, a principios, a bases. *Rien ne me parait plus ridicule qu'un ideal en matière de critique* (1). Isso porém não quer dizer q. um pamphleto se escreva do mesmo modo q. uma carta pedindo dinheiro emprestado. E as *Aguilhadas* dão-me a impressão de q. o snr. Paulo Osorio vem pedir ao mundo q. lê e que percebe o q. lê (não são as bêstas, repare) um poucochinho de consideração emprestado, dando, como garantia, dubiamente, não ha duvida, o vir a escrever coisa de geito em trabalhos subsequentes.

O snr. Paulo Osorio accusa o snr. Annibal Soares de não ter conseguido ir buscar ao artista da *Reliquia* a *ironia subtil e aristocratica*. Mas S. Ex.ª nem ironia pesada nem plebea tem. E, agora, de passagem seja dito, eu declaro q. não tentei defender o snr. Ambrosio das Mercês (perdão! o snr. Annibal Soares). O seo romance é uma esponja sêcca: espremido, não dá nada. E digo-lhe isto, apesar de não lhe pedir q. se considere uma bêsta, porq. não tenho direito a faze-lo, porq. não acho de justiça q. alguem o faça, a não ser o snr. Paulo Osorio q. já o é ha muito e q., portanto, deve ter subido empenho em q. os outros o sejam tambem. Adiante.

Nenhum dos artigos d'estes trez numeros nos transforma a mascara num esgar de riso, nos agita os nervos num impulso de applauso.

Chato. Banal. Parece-me mesmo q. o unico boi, afinal de contas, é o snr. Paulo Osorio, tam ronceira a sua prosa se nos apresenta, tam tacanhos os seos modos se nos revellam, tam moroso é o seo caminhar.

Eu desejaria ver nalguma d'essas paginas, scintillaçoens de espirito, nervosismos, cabriolas. Mas não: o snr. Paulo Osorio lançou as mãos ao chão e, fustigando vagarosamente o proprio dorso com a cauda, começou a andar, farejando pégadas extranhas. E nem, a batidissimos logares-communs, escapou. Ha por ahi algum pobre diabo q. não tenha empregado as *livres regioens da phantasia?*

...Mas, afinal de contas, quem é o snr. Paulo Osorio?

Eu conheci-o aqui ha trez annos, nas férias do Natal, no Porto, alli pelas immediaçoens de Passos Manoel. Eu ia com um amigo, o snr. Paulo Osorio appareceo e parou a fallar com elle. Eu analysara-o, imaginando o q. seria aquelle typinho baixo, de chapeo de côco, de face bochechuda á Damaso Salcede, com maneiras de Accacio — o Conselheiro —. Depois de se ter retirado, o meo amigo disse-me: «é o Paulo Osorio».

— Ah!

E foi tudo quanto se disse d'esse homemzinho q. nunca mais tornei a vêr, e q., presentemente, me faz estar aqui á meza, a escrever estas lettras, maldizendo-o e a umas nevralgias levadas do diabo q. não me largam.

Eu podia deixar em paz as *Aguilhadas* e o snr. Paulo Osorio. Mas, acima de tudo, acima de mim mesmo, de indisposiçoens morais, de consideraçoens, de amigos, ponho a Verdade e a Justiça, e por ellas lucto e luctarei. Pois é necessario notar-se q. animadversão de especie alguma me impelle a fustigar o snr. Paulo Osorio; é, tam somente, um amor sincero e grande de Justiça e de Verdade q. me leva hoje, como sempre, a gritar aos ridiculos q. sam ridiculos, aos tolos q. sam tolos. E o snr. Paulo Osorio nas *Aguilhadas*, revella-se, umas vezes tolo, e ridiculo, sempre.

E' ridiculo, por exemplo, na «*Carta a uma dama*» em q. tam bellas coisas verdadeiras podia dizer e em q. apenas repete o q. anda de bocca-em-bocca todos-os-dias, e repete-o d'um modo pifio e charro. E' tolo nos conselhos q. dá ao snr. Padua Correia — q. intelligente e sensato como é bem os dispensava. Nesse artigo *A Greve*, depois de dizer o q. a imprensa faz, p'r'o q. a imprensa serve — esquecendo-se, aliaz, de dizer tambem q. se não fosse ella, nós não teriamos a massada de aturar *Aguilhadas* e quejandas coisas — o snr. Paulo Osorio vem, com ares de caso, declarar-nos q. *o patrão é um senhor que manda; o operario é um humilhado*, para acabar depois por nos massar com um bocado d'uma especie de *Flos Sanctorum*. Ora bolas!

Falla-nos de Schumann e de pintura. Mas o q. diz o snr. Paulo Osorio de Schumann? O q. qualquer cidadão poderia dizer do Hymno da Carta... E o que nos diz de pintura? O que qualquer criatura diria d'um painel de *grande e horrivel crime*.

Quer dizer, nada de novo.

E era este cavalheiro d'industria... litteraria q. queria endireitar o mundo «quando andava pelas gazetas de gladio justiceiro em punho»... Isto, snr. Paulo Osorio, de escrever critica não é para todos. Francamente, sinceramente lh'o digo. O snr. é estudante da Escola Medica; pois bem: dedique-se á Medicina, com vontade, com gosto porq. póde vir a ser um medico rasoavel; e deixe a Litteratura, e muito principalmente a critica. Porq. se, medico, póde vir a ser rasoavel, litterato nem mediocre e critico não passará de chato.

E agora, p'ra terminar, não venha dizer q., tiradas as provas, eu me considerei tambem uma bêsta. Não, Ex.ª Não me considero tal. E escusa de me chamar assim, porq. continuarei a não me considerar seo irmão. Porq. isto de nos chamarem um nome não quer dizer que o sejamos: eu podia, exemplo, chamar-lhe Paulo Gregorio e, apesar de rimar, o snr. nunca seria Paulo Gregorio, mas continuaria a ser Paulo Osorio.

E nada tema. Quando, um dia, o Senso-Commum se lembrar de o julgar, hade topar um medico q. diga (ao Senso-Commum) que o não condemne, porq. o snr. é simplesmente um tolo.

E, concluindo, cumpre-me pedir-lhe q., se a sua bondade o levar a escrever alguma coisa a meo respeito, não diga q. eu, por citar Zola, quiz mostrar que o lia, porq. isso é batido.

Eu ainda lhe estou a dar liçoens... q. dispensa, bem sei.

S. Mamede d'Aldão, Setembro. Guimaraens.

(1) Zola, *Mes Haynes*, pag. 68.

Cartas a Alfredo Pimenta

I

Meu caro snr.:

A *epistola* de V. S.ª, publicada no ultimo numero da *Ala-Moderna*, mordeu-me um pouco a consciencia nas suas infelizes referencias á Arte de Arnaldo Pereira, e da sua leitura suscitaram as linhas que vai ler no mais honesto e justo commentario á sua critica e ao confronto das escolas que o enthusiasmam.

Nunca foi minha intenção responder ás referencias que lhe mereceu o meu livro, porque sempre o considerei apenas um pronuncio da Arte que me exalta. Volve-me para elle com inexplicavel sympathia a recordação de que foi a sua factura o motivo d'algumas horas de pleno goso espiritual.

*

O primeiro periodo da Vida, naturalmente amoroso e triste, é para Arnaldo Pereira, como para muitos escriptores portuguezes, a modelação esthetica da sua obra, plano apaixonado e gradualmente progressivo com a harmonia physica e espiritual, que será succedido, na perfeita vitalidade organica, pelo periodo da lucta, ante a horrorosa e tragica nudez da mais nobre e honrada classe social — o operariado. As poesias *De Nazareth* e *Gritos* são na evangelisação socialista da primeira e na contextura plastica das duas, a maior affirmação de revolta d'um espirito superior, a par d'uma forma artistica que encanta e arrasta as intelligencias mais rebeldes ao grito enorme da miseria humana.

Lançando o olhar pelas paginas que V. S.ª offertou á imprensa portugueza, sem mesmo reparar na horrorosa peste dos seus principios ultra-chorões — agora, simplesmente agora, que V. S.ª tem um plano *novo* de pensar, suggerem-me uma série de considerações os seus trabalhos, que não posso, na minha declarada intuição de verdade, deixar de as expôr aqui desassombradamente.

As poesias *Carta*, *Solemnia Verba*, *Terra* e *Verdade*, dizem perfeitamente a mesma coisa! A ultima, recitada ante o monumento a Eça de Queiroz, é uma affronta ao Espirito do divino Artista do *Cidade e as Serras*. Uma repetição monotona da palavra que lhe serve de epigraphe, fez da poesia, que tem uma quintilha explendida (a penultima), um trabalho semsaborão e pretencioso. Se o Mestre, que fitava com a retina de marmore livido e inconsciente os peregrinos coimbrãos e lisboetas, voltasse alli em espirito, correria a bico de bota os assassinos da Arte que elle tão gloriosamente serviu, desde o epistolista Cebola, ao poeta da *Verdade* descendente em linha recta do seu romantico e preclarissimo Alencar.

Producto d'uma philosophia *nova* as poesias de V. S.ª não têm um attractivo d'Arte e imaginação que obrigue a sua leitura total.

Não póde negar que espalhou por aqui, e talvez na *troupe* de lorpas que o cerca em Coimbra, que esse systema philosophico que rega as suas poesias *era seu*, com toda a sua explendida organisação e encanto. Isso é simplesmente infame, se bem que nada nos incommoda a nós que lhe conhecemos a origem e adoramos a candura pantheista. Ella, a base da Obra dos maiores pensadores das epochas passadas e da actual, tem nos *Simples* e na *Oração ao Pão*, de Junqueiro, a mais bella harmonia de idialidade e tacitura artistica.

A phase realista que nos abrange nasceu indubitavelmente d'esse profundo amor pela Candura, continuando a ininterrompida e nervosa lucta da intelligencia pela Verdade.

V. S.ª não conhece, por certo, a Obra de Michelet. Esse trecho, *Mysticismo Humoristico* das *Prosas Barbaras* de Eça de Queiroz, que religião adora? que systema o domina? O pantheismo — Religião da Natureza. Fialho d'Almeida no *Paiz das Uvas*, com a «impressão» *Pelos Campos*, não abrange o mesmo culto apaixonado e consciente?

Ha dois annos um poeta algarvio, o snr. dr. João Lucio, publicou o seu magnifico *Descendo*. Nasceu da admiração pelo livro profundamente metaphisico e artistico do illustre Poeta a sua nova escola. Ha porém uma enorme differença entre Junqueiro, Eça de Queiroz, Fialho, João Lucio e V. S.ª — é que a Elles impressionou-os a Arte e o Amor, souberam expôr esse principio de philosophia na sensibilidade artistica dos seus versos e da sua prosa magnifica; e nos trabalhos de V. S.ª nasce, para os idiotas que o acompanham, a differença de exposição

nos seus versos — linda prosa rimada e enfadonhamente repetida.

Da *Carta*

Ha Vida no Clarão e no Granito,
Ha Vida no Rochedo e na Migalha
. . . . . .

Ou seja na Montanha grandiosa,
Ou na bemdita lagryma chorada...
Ha Vida numa pustula horrorosa,
No pús que sae d'uma ferida verde,
No perfume das petalas da rosa...
. . . . . .

Num pedaço de carne apodrecida
. . . . . .

Da *Solemnia Verba*

O Espirito é eterno e infinito :
Tanto existe num beijo de mulher,
Como na forma tosca do Granito,
No Cadaver desfeito a apodrecer..

Da *Terra*

A terra é Vida, Vida infinita !
A Vida é luz !
E a luz é eterna, que em tudo habita,
Na alma da Pedra, na alma que grita
Sobre uma cruz !

Da *Onde?*

. . . . . .

Buscai-a no romper suave da Alvorada,
. . . . . .

Buscai-a. . . . . .
Na alma do Clarão, na alma do Granito!
. . . . . .

Procurai-a no mundo : ou no silencio escuro,
Ou no meio da luz hysterica que falla...
Procurai-a no Céo ! buscai-a num monturo,
No Mar, no Som, na Côr !... não haveis encontral-a !
. . . . . .

Da *Verdade*

Tu és a estrella santa ! És o Clarão bemdito !
. . . . . .

Encontro-te na ancia estoica do infinito !
Nos rugidos do Mar, na mudez do Granito !
Nos prantos da Mulher, na lama do Monturo !
. . . . . .

*

As *figuras de biscuit* de Arnaldo Pereira, têm de V. S.ª uma aversão deveras original. Eu conheço-a de ha muito, polvilhada d'uma invejasinha idiota. E digo idiota, porque homens intelligentes e audaciosos como V. S.ª, têm obrigação de, quando se julgam incapazes dos trabalhos d'uma natureza, rebeldes ao seu temperamento, procurar a forma esthetica que mais os cinja e comprehenda. Foi justamente o que se deu com V. S.ª, com a differença de que, julgando-se excessivamente grosseiro para produzir *figuras de biscuit*, como tentou com a poesia *Ás tuas lagrimas*, (1) foi d'encontro a uma escola explendida, na verdade, mas para a qual o seu espirito desprovido de esthetica e originalidade, como na anterior, foi sufficientemente pequeno na modelação e na essencia.

. . . . . .

Por hoje vou descançar.
Até á semana.

De V. S.ª

Alfredo Guimarães.

(1) Esta epigraphe é do *Alencar*.

Alfredo Guimarães

Este nosso collega de redacção, a quem uma forte amisade nos liga, pelos seus aprimorados dotes de caracter e talento, affirmado exuberantemente em formosas producções esparsas na "Ala-Moderna" e varias revistas e jornaes, já ha muito que se tornou digno da nossa homenagem e admiração, que, motivos alheios á nossa vontade impediram de realisar.

E hoje, para pagar a divida a que nos obrigamos, ahi está o brilhante artigo que a penna d'ouro de Arnaldo Pereira, o laureado Artista dos "Gritos", traçou nas paginas d'esta revista, a affirmal-o.

A Alfredo Guimarães, o nosso reconhecimento sincero pela sua boa camaradagem e pelo esforço extraordinario com que têm dirigido a "Ala-Moderna".

A Redacção.

CORRIGENDA

Na pagina 71 da nossa revista de 25 de novembro, 2.ª columna, onde se lê : *são velhos*, deve lêr-se : *são bellos*.